Jornal Página 20
15 e 16 de maio 2005

Adjunto

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO*

Chegamos a Cruzeiro do Sul numa tarde de chuva fina. Acertamos com o dono do barco os detalhes da nossa saída, no dia seguinte. Compramos repelente contra os mucuins, piuns e carapanãs. Jantamos um prato de pirarucu seco, desfiado, com farofa e salada de feijão verde com tomates. E repetimos várias vezes as taças com sorvete de cupuaçu. Tudo isso na Pensão e Hospedaria Brasil, situada bem próximo do mercado público e à beira do Rio Juruá. O Juruá é um dos afluentes do Amazonas, rio caudaloso, de águas barrentas e de grande distância de uma margem à outra. Dormimos cedo após uma boa prosa com alguns viajantes, representantes de distribuidoras de remédios e outras mercadorias.

Na manhã do dia seguinte, o café foi farto e estimulador: tapiocas com coco, pão de milho e ovos fritos, bananas e mamão, sucos de cupuaçu e buriti. Servira-me generosamente. Haveria de enfrentar um dia duro. O barco deu partida às 7 horas, subindo o Juruá e parando, já à tardinha, a um povoado próximo à foz do rio. Jantamos, numa pensão de nome Tucumã, uns mandins fritos, peixes pequenos e saborosos, acompanhados por um pirão de leite e bastante água de coco. Assistimos ao jornal e à novela num aparelho do Centro Paroquial. Caminhamos a pé, puxando a carga no lombo de dois burros, por mais oito horas até um dos seringais da região.

Ali naquele seringal, desenvolvia-se um projeto de educação de adultos e jovens sob a responsabilidade do movimento dos trabalhadores. As escolas comunitárias trabalhavam alfabetização – leitura e escrita – e iniciação à matemática – as operações, percentagens e frações, necessárias ao conhecimento das ações da cooperativa de produção e de compras nas diferentes colocações. Funcionavam basicamente nos finais de semana, quando dava pra reunir adultos e jovens.

As escolas incluíam várias casas com salões amplos, onde as redes eram estendidas para que todos dormissem ali na escola, sem necessidade de retornar às suas casas, que ficavam a horas de caminhadas. O local escolhido para a instalação da escola era definido pela possibilidade de confluência das várias colocações, facilitando, assim, a presença do maior número de interessados, de sexta à noite a domingo à tarde. Estudavam todos juntos, homens e mulheres, com intervalos para as tarefas de limpeza e de preparo da alimentação. Os homens cortavam lenha, limpavam as carnes de caça ou os peixes, areavam os tabuleiros, varriam as escolas. As mulheres cozinhavam, lavavam os pratos. Era bonito ver todos trabalhando em adjunto. As crianças também ajudavam.

Nossa presença suscitava alguns questionamentos de abordagens dos conteúdos e de alguns procedimentos de aprendizagem desenvolvidos pelos professores. O clima de troca era saudável, e os encontros de finais de semana, produtivos.

Algumas agências de financiamento patrocinavam todo o material escolar: cadernos, lápis, canetas, borrachas, livros, cadernetas, etc. Também apoiavam a aquisição de alguns mantimentos como sal, açúcar, café e óleo. Ainda liberavam recursos para o pagamento dos professores-monitores, o prólabore e o translado da equipe de assessoria e consultoria durante o período de permanência nas escolas. A proposta também privilegiava as ações de apoio à cooperativa de produção, o sistema de venda da borracha e a compra e distribuição de mantimentos.

Foram adquiridos barcos, canoas, burros, éguas e cavalos para o transporte de pessoas e mercadorias. Outro aspecto, que merecia especial atenção se relacionava à memória: registro do brincar, cantar, dançar, dos fazeres e dois pensares dos muitos e diferentes saberes daquelas comunidades da floresta. Os professores detinham algumas informações sobre saúde e precários conhecimentos de enfermagem. Mas, só com isso, eram os verdadeiros doutores nessas regiões desprovidas de maiores recursos.

Não esqueço uma das noites nesse seringal, quando acordei de madrugada com o barulho de uma conversa sobre o estado de saúde de uma mulher que chegara numa rede, carregada por uns homens, vindos de muito longe – das terras peruanas, ocupadas por seringueiros brasileiros. O marido da mulher dizia que a enfermidade da esposa fora causada por um feitiço, um encosto que colocaram nela, e a pobre desenvolvera "barriga de bola de borracha". A mulher gemia de dores, com febre alta e tremedeira por todo o corpo, já arroxeado. A professora Maria, só de olhar, diagnosticou logo o caso: a mulher estava com um bebê morto dentro dela. Rapidamente botou no fogão a lenha (que nós acendemos) uns panelões com água pra ferver e, ali na escola, de precários recursos, retirou a criança morta da barriga da mulher, salvando-a da morte. Participei daquele salvamento como assistente, tendo como função apenas molhar as toalhas na água quente e entregá-las à professora. No final do dia seguinte, a mulher já apresentava sinal de melhora e já conversava sobre a história daquele barrigão. Também coube a mim consolar o marido, que não sabia explicar o surgimento daquela gravidez. Coisas da complexa natureza humana. O que importava é que a mulher iria viver e outras histórias seriam contadas. Maus pedaços passei, na função de apaziguar os ânimos daquele marido machucado. Felicitei a professora por sua ação firme e destemida, e dei-lhe um abraço que não queria mais largar. Brindamos a vida com uma cachacinha, que ninguém é de ferro.

O trabalho continua: e essas escolas são uma das esperanças desses povos moradores da Floresta. E essas professoras, de uma valentia de tamanho da alma humana. E estes homens, hein? Como podemos ajudá-los a se entenderem?

P.S.: Nas mãos da professora Maria vi os calos provocados pelos serviços domésticos e em sua sacola de trabalho prestei atenção em dois livros: "Pedagogia da Autonomia", de Paulo Freire, e "Inclusão: Verdade da Literatura", de Edgar Morin.

*** Contador de Histórias**